CORREIO BRAZILIENSE

07 MAR 1982

Economia Brasil

Monetarismo em discussão

DÉRCIO GARCIA MUNHOZ, da UnB

O país enfrenta uma situação de tragicomédia. Encontra-se numa recessão profunda, com queda das atividades urbanas em torno de 10,0% sobre os níveis de 1980. Mas se quer fazer crer que o resultado decorre meramente de imperfeições nos métodos de cálculo do produto. Chamando-se de negativista, pessimista, críticos de má fé, e de muitas coisas mais, àqueles que, apoiados no quadro real, discordam da versão fantasiosa de que tudo vai às mil maravilhas.

Foi com a mesma estratégia de abafar a discussão, que após a crise do petróleo se praticou, no país, uma política econômica comprometedora. Às advertências de que a política seguida levaria o país a um endividamento, conhecido na literatura como "bola-de-neve", e que tal perspectiva requeria uma reformulação na economia, ouvia-se a resposta de que o Brasil era um oásis, ou que as crises faziam bem ao país, que delas, como em 1930, costumava sair revigorado. E assim se embalava a versão oficial, otimista mas sem lastro, de que em dois anos tudo estaria superado.

Depois de anos caóticos, que levaram o Brasil a acumular o maior endividamento do mundo, o impasse permenece. Embora já agora na situação difícil por responder pela maior parcela de amortização e juros internacionais, maior dependência dos bancos internacionais, e perda crescente da capacidade de dirigir encomendas governamentais para empresas do próprio país, por pressões dos emprestadores.

Internamente o desemprego avança para alcançar 10,0% da população em condições de trabalhar. Afora aqueles que, em pequenos serviços nas ruas, ou vendendo badulaques nas esquinas, procuram sobreviver às dificuldades decorrentes da política econômica. Ou seja, da ortodoxia monetarista que sangra o país, apoiada em supostos teóricos cuja validade a própria realidade questiona diariamente.

O REINO DO MONETARISMO

O monetarismo está aí triunfante. Desarticulando a economia do país. A exemplo do se fez na Argentina e Chile. Imitando a pobre Inglaterra.

O crédito minguado e os juros elevados contêm a produção e o consumo, e reduz a inflação — dizem os monetarista. Escondendo a verdade nua e crua de que a política monetária transfere descaradamente largas parcelas da renda do país para a intermediação financeira e detentores de poupanças. Empobrecendo as empresas mais fracas, que não conseguem repassar os juros para os preços finais. Empobrecendo os assalariados, pois juros altos significam preços e inflação mais elevados.

Mas qual a vantagem para a economia de uma política cega que pune os mais fracos e fortalece os mais fortes? A inflação vai cair asseguram os apóstolos do monetarismo. Pois a moeda controla o mundo real, e controlando-se a moeda, via juros altos, tudo voltará aos eixos — essa a cantilena que justifica a sangria que o país sofre.

E porquê, depois de tanto tempo o monetarismo não reduziu a inflação? Essa a pergunta lógica. Porquê — dizem os monetaristas — a "base monetária" fugiu ao controle. Porque os "meios de pagamento" cresceram indevidamente. Porque as empresas estatais gastaram muito, ou não pagaram suas contas no exterior, ou isto, ou aquilo. Da base monetária e de meios de pagamento só os sábios entendem. Empresas estatais não mais são meros "bodes espiatórios", mas sim verdadeiros "elefantes espiatórios", tal a freqüência com que se imputa a elas todos os males — sem comprovação pública dos desmandos apontados — servindo de biombo aos fracassos da política monetária.

O monetarismo continua blefando. Inventam-se M1, M2, M3, M4, etc., etc. — diferentes agregados que compreendem depósitos bancários, moeda em circulação, depósitos de poupanças, letras do tesouro, e outras coisas mais. E a cada "M" corresponde um agregado diferente, uma nova invenção, que controlancontrolado, permitiria o controle da inflação. Doce ilusão! Afinal os monetaristas americanos já inventaram **nove** "M" diferentes, enganando a todos com suas elocubrações.

Além do mais os monetaristas, depois de anos de fracassos, depois de engordar os lucros dos bancos, depois de exaurir as empresas não oligopolísticas jogando-as às portas da falência, depois de levar ao desespero milhões de pessoas que perderam e estão perdendo seus empregos, depois de provocar uma redução dos salários dos trabalhadores, cujo poder de barganha desapareceu com a explosão do desemprego — depois de tudo isso os monetaristas não mais se entendem. Deve-se controlar os empréstimos dizem uns. Deve-se controlar a "base" dizem outros. Deve-se controlar os meios de pagamento, asseguram outros. Meios de Pagamento? Quais? M1, M2, M3, M1+, M1B ???? Ninguém sabe em realidade. Mas fingem saber ...

Razões tem o Presidente da Comissão de Bancos do Senado americano, que depois dos monetaristas terem ali inventado o nono "M", chamou-o apenas de "um novo monstro", criado para confundir os críticos segundo a conservadora revista de negócios Business Week.

PARA ONDE VAMOS?

É nesse cipoal que estamos metidos. Todo o mundo procurando saber o que ocorreu com a "base" em janeiro. Todo o mundo procurando saber como uma fictícia agência bancária do interior teria errado em Cr$ 20,0 Bilhões, provocando o rombo nas contas do Governo. Todo o mundo esquecendo que a Rede Ferroviária Federal nunca teve dinheiro para cobrir os dois bilhões de dólares — talvez mais — que tomou emprestado no exterior para auxiliar o país na busca de divisas. Todo o mundo procurando esquecer que a Superintendência da Marinha Mercante jamais teria dinheiro para cobrir juros e prestações de uma dívida de US$ 1,8 bilhão que contraiu para ajudar, como a Rede Ferroviária, a superação das dificuldades existentes com o balanço de pagamentos e com a dívida externa do país.

Exauridas todas as fórmulas, todos os sofismas, os monetaristas agora procuram criar fantasmas, como aqueles apontados com furor após encerrado o mês de janeiro, ameaçando a nação de que, se não lhe derem mais força, maior autonomia para aprofundar a crise, o país marcharia para o caos. Aparentemente criam-se situações que pretendem colocar os empresários comerciais e industriais indefesos diante da volúpia monetarista. Evidentemente que com o apoio dos intermediários financeiros — os grandes privilegiados desde a liberação dos juros em 1976.

Afinal, qual o crédito que merece a política monetarista que vem estrangulando o país? O Brasil não cresceu durante muitos anos, desde o final dos anos 60 até o início da crise mundial sem apelar para o ranço monetarista? O Brasil não cresceu com inflação reduzida, política salarial no mínimo neutra, e juros controlados? Mudaram as condições da economia mundial, fato. A passividade da política econômica quando do início da crise jogou o país num processo incontrolável de endividamento não se pode negar. Mas qual a perspectiva aberta pela ortodoxia monetarista?

Afinal não se pode confiar nas promessas. Dizer que as taxas de juros vão cair na próxima semana ou no próximo mês é repetir o que a nação já ouviu um milhão de vezes desde que, em 1976, os juros foram liberados. Dizer que os juros altos não são inflacionários, "conforme descobriu Wcksell há quase um século" assim desmentindo uma "superstição", é pretender que uma empresa não recalcule os preços em função dos custos, que constitui uma regra elementar de contabilidade. Desconhecer que apenas na década de 70 as instituições financeiras quase dobraram a sua participação na renda do país — graças ao monetarismo nem tão inocente assim — apropriando-se, juntamente com os poupadores, de rendas de trabalhadores e pequenos empresários, é não querer reconhecer o óbvio. Desconhecer isso é não querer dirigir uma simples leitura dos estudos da Fundação Getulio Vargas, periodicamente publicados, sobre a evolução da participação dos diferentes setores na renda do país.

AS DIFICULDADES EXISTEM. MAS ALTERNATIVAS OUTRAS TAMBÉM

A crítica ao monetarismo impiedoso, frio, que age com base naquilo que seus seguidores pensam ser a economia, e o seu funcionamento, ignorando o mundo real, não pode ser considerada uma atitude irresponsável. Pois a oposição ao monetarismo não desconhece as dificuldades do país. A crítica se dirige ao fanatismo que embala os monetaristas. E procura lembrar que essa política não é neutra. Muito diferentemente, o monetarismo é elitista; aumentando absurdamente as rendas dos bancos aplicadores de recursos, às custas dos mais fracos.

É impossível desconhecer que o país enfrenta dificuldades Graves e crescentes. Acumuladas com a passividade do passado. Agravadas com a falta de alternativas com que se apresenta uma política baseada essencialmente no controle de variáveis monetárias. Tão caolha, que imaginem, o próprio Fundo Monetário Internacional já critica a política monetária que provoca elevadas taxas de juros. E graças a Deus. Pois só assim, quando o FMI também reage ao sectarismo monetário, talvez os críticos possam escapar da leviana acusação de dirigentes de entidades ligadas a instituições financeiras, de que possuem, os analistas discordantes, secretos desejos de um sistema alinhado a Moscou. Como já se fez ouvir anteriormente, dentro de velho chavão usado tantas vezes na defesa de privilégios insustentáveis.

Tudo indica que já terá chegado o momento de que a nação por seus mais variados segmentos políticos e sociais, também ingresse na discursão dos problemas do país. Na busca de soluções que, não desconhecendo os problemas reais, representem algo mais que decisões emanadas de órgãos isolados da administração, que, a despeito da capacidade técnica do "staff", não tem poderes para decidir em nome da sociedade. E muito menos para decidir os destinos do país e de cada um dos seus cidadãos. Numa postura que conflita e desmente a própria filosofia do Governo, cujas preocupações de caráter social, e com o funcionamento mais harmônico da economia, acabam sepultados dentro dos estreitos limites que os dogmas monetaristas impõem às decisões governamentais.